
JAYME MOREIRA DA SILVA: ESCRITAS DO COTIDIANO

JAYME MOREIRA DA SILVA: DAILY WRITINGS

Alexandre Barcelos Silveira
Mestrando do Programa de Pós-Graduação em História da PUCRS
Bolsista CAPES
E-mail: alexandreprofi@gmail.com

RESUMO: A desde os anos 1960 que a historiografia faz uso de diversos tipos de fontes de pesquisa para a sua análise: imagens, depoimentos, diários, romances, periódicos, correspondências e biografias, muito utilizada pela micro história, para complementar o estudo mais detalhado do seu objeto. A fonte biográfica, transformada em escrita epistolar, muitas vezes demonstra particularidades, relações e silêncios existentes entre o sujeito estudado e os demais atores contemplados na história. Este artigo vai ao encontro destes pressupostos: apresentar o livro “*O Lobisomem do Morro Santana*” escrito por Jayme Moreira da Silva em 2005 como importante fonte de pesquisa, analisando, ascensão/e ou entraves a isso de seus contemporâneos afrodescendentes. Suas memórias estão gravadas neste livro, como um ex-morador da Colônia Africana, fala com propriedade de seu cotidiano em relação a outros atores, como seu avô, o Sr Abel de Souza que lhe contava histórias carregadas de silêncio, mas com muitos sentidos de um homem influente e misterioso em Porto Alegre, no início do século XIX, denominado de Lobisomem do Morro Santana.

PALAVRAS CHAVE: Biografia. Ascensão. Memória.

ABSTRACT: Since the 1960s that historiography makes use of various types of research sources for your analysis: pictures , testimonials , diaries, novels , journals , letters and biographies , much used by the micro - history, to complement the more detailed study of its object . The biographical source , transformed into epistolary writing often demonstrates characteristics, existing relationships and silences between the subject studied and contemplated the other actors in history . This article meets these assumptions : present the book " The Wolfman Morro Santana " written by Jaime Moreira da Silva in 2005 as an important source of research , analyzing , rise / and or barriers to that of his contemporary African descent . His memoirs are written in this book , as a former resident of the Colony African , speaks property of their everyday life in relation to other actors , like his grandfather , Mr Abel de Souza who told him stories of loaded silence, but with many senses an influential and mysterious man in Porto Alegre , in the early nineteenth century , called Werewolf Morro Santana .

KEYWORDS: Biography. Ascension. Memory.

INTRODUÇÃO

O presente artigo versa sobre uma comunidade afrodescendente do Porto Alegre / RS em finais do século XIX e início do XX, a Colônia Africana. Esta permaneceu nesta capital, no bairro Bom Fim, logo após a abolição até a chegada dos imigrantes de diversas nacionalidades, e

até a cidade receber a sua nova configuração nas ruas desta cidade, projeto da Prefeitura de Porto Alegre nos anos 1960 chamado de “Remover para Promover¹”.

O cotidiano e o não-cotidiano desta comunidade serão objetivados a luz das narrativas, depoimentos, bibliografias e a biografia de um ex-morador da referida região, o Sr Jayme Moreira da Silva, falecido no dia 25 de janeiro de 2014, aos 98 anos de idade, portanto o presente artigo homenageia este homem de mente viva, que muito contribuiu para imortalizar a sua história e de seu povo. O seu livro escrito chamado de “O lobisomem do Morro Santana” de 2005, não será o ponto central deste artigo, mas sim uma das fontes pesquisadas, no intuito de apreender o cotidiano da sua comunidade ascensão ou não dos habitantes da referida Colônia Africana. Foram feitas 500 cópias deste livro em comemoração aos seus 90 anos, portanto no ano de 2005. Segundo conversa informal com sua filha Lorena, o livro do Sr Jayme foi escrito pelo próprio de forma despretensiosa e passando por uma revisão pela sua filha Liege graduada em História. Este livro teve um custo de 1,800,00 para a família. Estas foram as informações que obtemos sobre o livro “O Lobisomem do Morro Santana” de 2005.

Os acontecimentos e imagens estão gravados na memória deste homem, unidas a uma visão de mundo da época e reunidas neste livro, e obviamente, outros atores entram no imaginário narrativo do personagem. Utilizamos como teoria de análise para este artigo a micro história, pois acreditamos ser o mais adequado referencial para desmembrar as diversas fontes utilizadas, tais como: história oral, biografia, narrativa, iconografia e a própria bibliografia disponível para medir as dimensões no campo dos relacionamentos entre Sr Jayme e os demais atores de sua época. A partir desta microanálise social da história da Colônia Africana e seus antigos habitantes objetivamos perceber quais foram os entraves socioeconômicos e culturais que muitas vezes impediu seus habitantes de ocuparem os locais de poder da Capital gaúcha. E também, o quão se aproxima daqueles que seguiram o caminho inverso e transpuseram obstáculos, chegando a patamares hierárquicos significativos da sociedade.

Como forma de “combustível” para este artigo é importante alguns questionamentos sobre a ascensão social destes afro-gaúchos: quais as dificuldades e qual o principal entrave a ascensão social para uma população que a pouco havia descortinado de suas vidas o jugo da escravidão? Como era a relação destes moradores, dos territórios negros de Porto Alegre, com os demais habitantes ao seu entorno, numa cidade prestes a se modernizar? Como último campo de

¹ Ver mais sobre este tema com Nola Patrícia Gamalho intitulado A produção da periferia: das representações do espaço de representação no Bairro Restinga – Porto Alegre/RS, disponível em meio digital no endereço <http://www.lume.ufrgs.br/10183/16658>

análise, mas não menos importante a significação histórica de uma vida individual, como a do Sr Jayme será cotejada para fins de análise, fundamentação e conclusão deste artigo.

A COLÔNIA AFRICANA

Para conhecer um pouco da história da Colônia Africana, é necessário identificar e situar no espaço e no tempo um pouco das origens de Porto Alegre. A esse respeito, à historiadora Margaret Marchiori Bakos nos ensina que a capital Rio-grandense remonta:

[...] aos primórdios da efetiva ocupação portuguesa dos territórios ao sul do país, ambicionados pelos castelhanos. A vinda de lagunenses, aqui chegados para defender o Rio Grande, e à de casais açorianos, para povoar as Missões, que haviam passado a Portugal pelo tratado de Madri, deve-se a construção do primeiro aglomerado de palhoças às margens do Guaíba no decorrer da segunda metade do século XVIII. Após quase 20 anos de espera, os açorianos começam a receber as terras prometidas no país, ao que segue o paulatino desenvolvimento das primeiras freguesias em mostardas, Estreito, São José do Norte, Taquari, Santo Antônio da Patrulha, Cachoeira e Conceição do Arroio. Porto Alegre faz parte deste seletto grupo de cidades gaúchas de tão remotas origens históricas. O pequeno número explica-se pelo próprio processo de povoamento da região. (BAKOS, 2013, p.21)

Toda esta movimentação e disputas de território agregaram uma gama de populações de várias etnias, entre elas os afrodescendentes que trabalhavam nas chácaras da capital, durante o período escravista.

Mais tarde, com a conquista da liberdade em Porto Alegre 1884², sobressaíram-se nesta capital, territórios ocupados por populações oriundas do antigo sistema escravista. Estes territórios, denominados cinturões negros (PESAVENTO, 2001) eram formados por comunidades

² Em 1884, o Rio Grande do Sul conheceu um amplo movimento de emancipação de cativos [...] MAESTRI, Mário, 2002. Outra referência consta no livro da pesquisadora Irene Santos que ela menciona: As páginas 2 e 3 do Livro de Ouro da Câmara Municipal registram ata da sessão comemorativa da Abolição, que aconteceu ao meio-dia de 7 de setembro de 1884. SANTOS, Irene, 2005. Mas, todo este movimento emancipacionista de 1884 no Rio Grande do Sul tornou-se uma falácia, pois o escravo ficava atrelado ao escravocrata por mais alguns anos, até pagar o capital investido pelo seu senhor. Como bem observou Conrard (2009), apud Assumpção, 2013, p. 248: “O movimento libertador que alcançou um auge de intensidade no Rio Grande do Sul em agosto e setembro de 1884, não foi, portanto tão claramente idealista ou até tão completo quanto os do Ceará e do Amazonas. Numa questão de meses, dois terços dos sessenta mil escravos dessa província do sul receberam a condição de livres, mas a verdade é que a maioria foi obrigada a continuar dando seu trabalho, sem pagamento a seus antigos senhores durante de um a sete anos. O movimento no Rio Grande do Sul, conforme The Rio Hews afirmou no jornal de 1884, deverá ser diferenciado dos movimentos do Ceará e do Amazonas, pois é de natureza muito menos liberal e generosa. Quase todas as libertações estão sendo concedidas em condições de tempo de trabalho ou aprendizagem que se verificam, em grande parte, para um período de cinco anos.

de ex-escravos que se estabeleceram nas cercanias da Capital gaúcha, na época, estas chácaras eram de propriedade de Dona Laura, os Mostardeiros, Mariante e a Baronesa do Gravataí. A esse respeito Valéria Zanetti comenta que:

A importância das chácaras de Porto Alegre na produção de gêneros de subsistência ficou registrada na procura de trabalhadores, principalmente escravizados, para executarem tarefas ligadas ao plantio e tratamento da terra, anunciada nos jornais da capital. Algumas chácaras localizavam-se no Caminho do Meio (*hoje as Avenidas Protásio Alves e Osvaldo Aranha – grifo meu*), Caminho Novo, Azenha e Varzinha. (ZANETTI, 2002, p. 55)

Um destes territórios, citado acima pertencente ao Caminho do Meio, situava-se nas imediações do centro de Porto Alegre, hoje bairro Bom Fim e partes do Rio Branco.

Esta localidade foi denominada pela imprensa da época³, de Colônia Africana, sendo ela uma comunidade, na sua maioria formada por descendentes de escravos, mas também ali habitavam segmentos de outras etnias, imigrantes europeus. Estes últimos vieram trabalhar no lugar dos recém livres da escravidão, por volta do final do século XIX.

A localização deste território, segundo pesquisa de Eduardo Kersting (KERSTING, 1998) e depoimentos de ex-moradores, situava-se no 3^a distrito de Porto Alegre (PESAVENTO, 2001, p.77), não se pode inferir e existe muita controvérsia entre alguns ex-moradores, e não há espaço neste artigo para promover tal discussão, mas as ruas que demarcavam a sua localização eram: Ramiro Barcellos, Mariante, Mostardeiro e Caminho do Meio. Esta é a sua localização, conforme se pode ver no mapa abaixo, criado por Sérgio dos Santos Jr. visão ilustrada.

³ (Jornal Gazetinha, 1912)



Fonte: Sergio dos Santos Jr, 2010.
Figura 1- Mapa da Colônia Africana.

Como se pode perceber no mapa acima, que representa o território da Colônia Africana, esta ficava nas imediações do centro da Capital gaúcha, ponto estratégico e muito cobiçado pelo empreendedorismo imobiliário. Posteriormente receberia grande contingente de imigrantes de várias nacionalidades, entre eles, os alemães, italianos, poloneses e judeus.

O mapa acima, retirado do livro *Colonos e Quilombolas: Memória Fotográfica das Colônias Africanas de Porto Alegre* de Irene Santos (2010) mostra que além de situar-se nas imediações da Capital gaúcha, esta região era cercada por duas igrejas, Piedade e Divino Espírito Santo e cortada pela antiga Rua Caminho do Meio, tendo como parque principal, o Farroupilha que na época não era tão arborizado como atualmente.

Assim, descortina-se e indentifica-se a Colônia Africana, um dos territórios negros da Cidade de Porto Alegre no início do século XX, ponto estratégico da Capital gaúcha em vias de modernização. O próximo passo será analisar este território com seus personagens, seu cotidiano e as contradições existentes, do ponto de vista do livro do Sr Jayme e outras fontes que compõem este estudo.

SOBRE BIOGRAFIAS, ORIGENS E CONTEXTO

No início do século XX um garoto em Porto Alegre, como de costume, saía de bonde com sua avó por diversos lugares desta cidade conhecendo o centro e outros bairros da capital gaúcha. Ao retornar para sua casa tinha a cabeça cheia de memórias vivas e as compartilhava com seus familiares e amigos.

Da janela de seu quarto podia avistar todos os dias no mesmo horário, o acendedor de lampião iluminar a rua onde ficava sua casa, com uma taquara cumprida guiava o fogo até o alto do poste. Do mesmo ponto, podia ouvir a batida dos tambores das diversas casas de religião que circundavam a localidade onde morava. Estes tambores começavam a tocar na sexta-feira e só paravam ao cair da noite de domingo. Este guri sabia que por traz do som destes tambores, estavam sendo cultivadas, além da sua religiosidade, as suas tradições.

O mundo ao seu redor o impressionava, mas nada comparada as histórias que seu avô, Abel de Souza, como um griôt, lhes contava passando ensinamentos aos mais novos. Este homem sentava junto de seus netos e começava a contar muitas histórias, dentre elas a de um amigo seu, homem muito influente e conhecido na cidade, porém muito misterioso chamado de “Lobisomem do Morro Santana”. Nunca saberemos o porquê deste apelido, o Sr Abel levava este segredo para o túmulo, sabemos apenas que a denominação Morro Santana, indicava onde morava.

Percebemos neste instante a presença do silêncio como parte da sua história e temos de compreender que este silêncio é carregado de sentidos, mas não está vazio no espaço e no tempo, muito menos sem significado. O silêncio contempla uma fala interna antes de se transformar em linguagem ele é antes de tudo um agente selecionador daquilo que se quer falar, e faz com que permaneçam as contradições existentes na memória do sujeito. Portanto ele não é vazio, pelo contrário, contém muitas informações relevantes, e que podem ser omitidas pelo narrador. A esse respeito Eli Puccinelli Orlandi em seu livro “As Formas do Silêncio: no movimento dos sentidos (2010) nos esclarece que:

Quando o homem, em sua história, percebeu o silêncio como significação, criou a linguagem para retê-lo.

O ato de falar é o de separar, distinguir e, paradoxalmente, vislumbrar o silêncio e evitá-lo. Esse gesto disciplina o significar, pois já é um projeto de sedentarização do sentido. A linguagem estabiliza o movimento dos sentidos. No silêncio, ao contrário, sentido e silêncio se movem largamente. (ORLANDI, p.27)

Podemos analisar, através da citação acima, que os silêncios contidos na narrativa do Sr Jayme, estão carregados de sentidos, que podem ou não ser decifradas, segundo Orlandi (2010, p. 102) “O silêncio não fala ele significa. É pois inútil traduzir o silêncio em palavras;” (2010) para tanto, é necessário, nas palavras da autora, Orlandi (2010) considerar a historicidade do texto, os processos de construção dos efeitos de sentidos. Assim, os motivos pelos quais se silenciam as informações a respeito do Lobisomem do Morro Santana não foram apreendidos e seria leviano, da parte do autor deste artigo, divagar, “achar” ou concluir o impenetrável “mundo” do silêncio, mas sim, compreender, que no silêncio está o implícito.

Voltando as narrativas deste garoto cheio de memórias vivas chamado de Jayme Moreira da Silva, nascido em 4 de novembro de 1915, na Rua Castro Alves, nº 140 (Porto Alegre – RS) na casa de seu avô Abel de Souza, que era funcionário do Correio do Povo na qualidade de tipógrafo, segundo seus próprios relatos. Ali ele residiu até seus 5 anos de idade, junto com seus avós e tios no núcleo da Colônia Africana, uma das comunidades afro-gaúchas de Porto Alegre no final do século XIX e início do XX. Segundo seu Jayme, esta região era:

[...] povoada por escravos libertos e pelos seus descendentes. Filhos, netos, bisnetos e assim por diante.
Alemães e italianos que ali se estabeleceram com casas de negócios e oficinas mecânicas, serralherias com mestre de obras, pedreiros e carpinteiros. (Informação verbal, 2013)

Não obtivemos muitas informações a respeito de seus pais, seus nomes eram: Emílio Moreira da Silva e de Maria Amália Moreira da Silva. Nas suas memórias de tempos de menino, adolescente, e homem adulto percebemos a evolução urbana da capital gaúcha e todas as transformações que isso causou para seu povo, inclusive a mudança de nome quando este território passou a chamar-se bairro Rio Branco.

Em seu livro, “O Lobisomem do Morro Santana, (2005), repleto de lembranças do passado, podemos “materializar” suas relações pessoais e imaginar como era Porto Alegre, segundo os relatos deste homem. Neste caso, não estamos procurando veracidade dos fatos descritos, mas sim as suas impressões e suas relações com o cotidiano apreendido. Neste sentido, Marcello Duarte Mathias, nos ensina que:

[...] não importa tanto averiguar da veracidade dos fatos – ao historiador não competirá ajuizar nesses pormenores -, mas, sim, sondar a dimensão do diálogo de quem escreve e se descreve, e que constitui a verdade da obra. Através dela sobressai a fidelidade do autor a si mesmo. Até porque aquele que desejaríamos ter sido é tão ou mais importante na definição do que somos do que aquele que na realidade acabamos por ser. Nessa incessante recriação que pretende restituir, retificar ou recompor uma evidência perdida e morta, e com ela se identificar, estaria à essência do projeto autobiográfico. E o seu malogro. (MATHIAS, p. 42)

A memória do Sr Jayme age em perspectiva, olhando o passado com o entendimento do presente, algumas vezes saudosista, distante e contemplativo, pois, está mais maduro. Suas lembranças demonstram afetividade cada vez mais viva para aquilo que presenciou. É neste ponto que se justifica a produção de um livro biográfico como o escrito por ele: a vontade de manter vivo e “congelado” o passado. Analisando este ponto, com base na citação acima percebemos que seus relatos, fidedignos ou não, fazem parte de um conjunto de recriações daquilo que gostaria terem sido real, e que nem por isso perde a sua importância tanto para o narrador quanto para o quem o observa.

Seus relatos sobre a origem da Colônia Africana giram em torno dos Lanceiros Negros, ponto refutado pela historiografia, pois se sabe que muitos afro-gaúchos moradores desta região eram ex-cativos de chácaras da redondeza e que haviam ocupado estes territórios após a abolição. Aceitamos este ponto de vista do Sr Jayme, por entendermos que faz parte de uma vontade de criação do mito fundador, espécie de heroicização da sua própria história, afinal, segundo Mathias (1997) “aquele que desejaríamos ter sido é tão ou mais importante na definição do que somos do que aquele que na realidade acabamos por ser”.

Ao mesmo tempo em que o historiador analisa uma biografia, como esta, deve manter certo distanciamento do seu objeto, para que não caia em armadilhas românticas, falsas ou militantes em sua pesquisa. Não devemos questionar as palavras escritas por um biógrafo, mas sim tentar compreender (1997 apud BORGES, 2001, p. 2) “um personagem em sua trajetória, suas origens, sua personalidade e seu contexto”⁴. Nesse sentido, ao começar seu livro, Sr Jayme o faz de forma cronológica, contextualizando o momento, nos dando pistas, através das suas memórias, sobre a cidade de Porto Alegre:

Pelos idos de 1920, acabava de terminar a epidemia da febre espanhola, eu Jayme, filho de Emilio Moreira da Silva e Maria Amália Moreira da Silva, tinha apenas cinco

⁴ Ver Vevy Pacheco Borges. Memória Paulista. São Paulo: EDUSP, 1997

anos de idade. Por motivo desta epidemia, fui para casa de meu avô, Abel de Souza. Nesta época, éramos quatro irmãos. Os outros três ficaram residindo com meus pais. Neste tempo, morávamos no Bairro Bom Fim, na Rua Felipe Camarão, junto à Vasco da Gama, no Bairro Israelita⁵, formado por judeus que vinham de outros lugares como imigrantes. Por este motivo recebi o nome de Jayme. Assim começa esta história, contada pelo meu avô. (SILVA, p. 15)

Em 1989, Jacques Le Goff dizia que “a biografia é um complemento indispensável de análise das estruturas sociais e dos comportamentos coletivos” (1989 apud GOFF, 2001, p. 8), assim ela nunca está sozinha, pois a biografia nunca fala de um sujeito, mas de sujeitos suas relações e contextos. Isso fica claro em seu livro, não apenas a sua história é relembra outras memórias, como a de sua filha nos tempos de criança:

“No tempo da Colônia Africana os brinquedos manufaturados em fábricas como hoje, não existiam, brinquedos sofisticados como bonecas de porcelana, eram oriundos do Distrito Federal e de São Paulo e até mesmo da Europa, não chegava à Colônia Africana. Ali as crianças confeccionavam seus próprios brinquedos e eram artesãos excepcionais. Lembro da Francisca Conceição, uma pretinha de dez anos, canelas finas, cabelos grudados na cabeça o que lhe legou o apelido de micoca, tinha mão de fada, tendo nas mãos retalhos de pano, linha agulha tesoura, fio de lã, pedaços de trapos velhos, num passe de mágica começavam a surgir braços, troncos, pernas cabeça, tudo costurado à mão e recheado de trapos, portanto surgiu uma boneca, olhos azuis e boca eram bordadas, os cabelos eram feitos de fios de lã [...] adivinha, vai se chamar Emília. Os meninos também confeccionavam seus brinquedos, entre eles se destacou Pedro Antônio, o nome lhe trouxe o apelido carinhoso de Pedrinho, era um menino de pele amarela, cabelo enroladinho bem claro e olhos de um azul Vítreo [...] Pedrinho confeccionava, barquinho de papel a partir de folhas de caderno, dobrava uma folha de caderno ao meio, no sentido da largura, dobrava novamente as pontas formando um triângulo, [...] era só puxar as pontas, estava pronto o barquinho. É só esperar a chuva e largar o barquinho lombaba abaixo. [...] Durante muito tempo as crianças da Colônia Africana passavam umas para as outras, a arte de confeccionar seus próprios brinquedos; que saudade daquele tempo. (SILVA, p. 59)

O Sr Jayme cede espaço de seu livro para que sua filha exponha um conto, de sua autoria, narrando como as crianças produziam seus brinquedos na Colônia Africana. Do ponto de vista da Pós-modernidade, temos aí a literatura como ferramenta para o historiador⁶, demonstrando de forma “fictícia” o cotidiano das crianças nas suas brincadeiras e como elas lidavam com o lugar

⁵ Sobre Bairro israelita é importante compreender que assim era denominado popularmente, da mesma forma como Colônia Africana foi um termo pejorativo inventado pelo Jornal Gazetinha de 1912. Este “Bairro Israelita” compreendia o que é conhecido atualmente como Bairro Bom Fim.

⁶ Sobre este tema podemos perceber que (1988 apud HUTCHEON, 2001, p. 81) o Pós- Modernismo da literatura, ou em outras formas de narrativa, ao aceitar o desafio da tradição e a representação da história, transforma-se em história da representação, comentada com ironia, com o uso da paródia que desafia, mas também obriga a uma reconsideração da ideia de origem ou originalidade. Segundo a autora, aquilo que já foi dito precisa ser reconsiderado, e somente pode ser reconsiderado de forma irônica. Porém, a autora lembra que “a inclusão da ironia e do jogo, jamais implica necessariamente a exclusão da seriedade e do objetivo na arte pós-Modernista”.

e a carência de obter alguns brinquedos, despertando nelas o desejo e a inventividade de produção artesanal. Outro ponto a ser destacado é o caráter anacrônico deste conto, usa-se a temporalidade “no tempo da Colônia Africana” para descrever um período, fato bem típico da literatura, mas que em nada compromete a compreensão do tempo citado.

Através dessas narrativas podemos compreender o sujeito e o lugar, onde este indivíduo viveu e conviveu, modificado por suas relações de parentesco, partindo de um caráter relacional ele modifica as circunstâncias do lugar onde permanece. Seu cotidiano foi fruto da sua intervenção e ao historiador cabe identificar, nessas memórias, a cidade a partir das suas formas sociais⁷, portanto, indagamos: que cidade era esta?

ASCENSÃO E ENTRAVES: QUE CIDADE ERA ESTA QUE O SR JAYME NOS MOSTROU?

Sr Jayme descreve sua cidade em seu tempo de menino e da mesma forma, outras pessoas compõe e complementam sua história descrita. É o caso de seu avô, Abel de Souza, homem culto e respeitado, que trabalhava nas oficinas do Jornal do Correio do Povo como tipógrafo. Em seu livro, Sr Jayme demonstra, dentre as suas fotografias, as vestimentas de seu avô sentado junto de seus netos, todos muito bem alinhados encarando ao espectador. Este com seu terno e gravata borboleta aparentando uma condição social estável e segura de si.

⁷(BOHER , p. 133) Ver mais sobre o assunto em um artigo com o título “Breves considerações sobre os territórios negros urbanos de Porto Alegre na pós-abolição de Felipe Rodrigues Boher



Figura 2 - Abel de Souza (por volta de 1920)
Fonte: Livro “O Lobisomem do Morro Santana” 2005

A postura deste homem, junto de seus netos encarando a câmera, transmite a ideia de presença paternal, familiar e também certa estabilidade de social, evidenciando uma consciência de si na sua humanidade de ascensão social. Sobre este ponto Frantz Fanon nos ensina que:

O homem só é homem na medida em que ele quer se impor a um outro homem, a fim de ser reconhecido. Enquanto ele não é efetivamente reconhecido pelo outro, é este outro que permanece o tema de sua ação. É deste outro, do reconhecimento por este outro que dependem seu valor e sua realidade humana. É neste sentido que se condensa o sentido de sua vida. (FANON, 2008, p.180)

Evidentemente, como seu avô existiu outras pessoas que exerceram diversas profissões nesta região, tais como: alfaiates, serralheiros, músicos, estudantes, artistas... (2010 apud BITTENCOURT, 2011, p. 125) “comerciantes, trabalhadores da construção civil, nos transportes, na limpeza urbana, deixando a sua contribuição na culinária, medicina, religião [...] expressões linguísticas para a formação social, cultural, econômica e política local.

Chegamos aqui numa das funções deste artigo encontrar nesta biografia, nos relatos, e narrativas de outros afrodescendentes que ascenderam socialmente, e que por algum motivo ficaram no anonimato. Alguns questionamentos permeiam este trabalho, tais como: como se deu

a ascensão social destes afro-gaúchos? Quais as dificuldades e qual o principal entrave a essa ascensão social para uma população que a pouco havia descortinado de suas vidas o jugo da escravidão? Como era a relação destes moradores, dos territórios negros de Porto Alegre, com uma cidade prestes a se modernizar? Para responder estas perguntas acreditamos que a contribuição do livro do Sr Jayme é muito importante, embora mostre o cotidiano de uma parcela da população da Colônia Africana em uma cidade que no início do século XX, como já foi mencionado antes, estava se modernizando⁸. De outro modo, em entrevista concedida no dia 14 de maio de 2013 ele fala sobre o aspecto físico das ruas do bairro, segundo ele era:

[...] “Tudo chão batido, não tinha saneamento nenhum tudo estava a correr. Algumas ruas tinham luz. A Rua Ramiro Barcellos que pertencia ao bairro Rio Branco, tinha luz. A Rua que era do bairro Israelita que ficava entre a Ramiro e a Fernandes Vieira, essas ruas tinha luz. Paralelepípedos não, em algumas ruas já tinham começado (a filha ajuda perguntando: as ruas, Miguel Tostes; Ramiro Barcelos, que desciam pela Avenida Independência já eram calçadas?) Ele responde: sim, a Miguel Tostes tinham partes que já eram calçadas, outras ligavam com o bairro Santana. Isso que estou te falando é no começo lá por 1920, ou um pouco mais”. (Informação verbal, 2013)

Em seus relatos, situado lá pelos idos da primeira metade do século XX, a configuração desta cidade com novas ruas, como artérias, cruzando o corpo espacial desta capital sobressaem-se como uma região que estava mudando a sua “cara”. Deixando de ter um ar bucólico para começar a aparentar conformidade de uma grande cidade, recebendo muitas influências da Europa. Esta cidade começa também a ter enorme interesse comercial, principalmente com seu porto, muito utilizado para o escoamento da produção interna do Rio Grande do Sul e sua localização estratégica é fundamental para isso, fato que podemos contemplar com os diversos trabalhadores narrados pelo Sr Jayme. Sobre este contexto histórico, a historiadora Margaret Marchiori Bakos nos relata sobre:

A importância de Porto Alegre no contexto gaúcho não se reduz, no entanto as suas remotas origens históricas ou territoriais. Desde os seus primórdios, desenvolve-se no vilarejo intensa atividade comercial através do seu porto, cuja localização é privilegiada pela profundidade das águas nesse ponto e pela proteção que oferece às embarcações em relação aos ventos (BAKOS, 2013, p.23)

⁸Sobre as várias fazes de modernização de Porto Alegre ver em Célia Ferraz de Souza no seu livro “Evolução Urbana de Porto Alegre” (1997). No caso específico deste trabalho adentramos no: “quarto período que compreende a fase da industrialização, de 1890 a 1945: com a fase do desenvolvimento econômico ocorrido no final do período passado [...] a cidade dá início à substituição de produtos importados, entrando na fase industrial. [...] Quinto período metropolização, de 1945 aos nossos dias: o desenvolvimento industrial trouxe à Cidade e à sua região consequências de diversas ordens. Um crescimento populacional muito grande, provocado pelo êxodo rural e pelo crescimento das indústrias para a periferia de Porto Alegre “[...] (SOUZA, p.11-12)

Portanto, sendo Porto Alegre, neste período, uma Capital em vias de modernização é natural que houvesse grande demanda de mercado de trabalho. Cabe aqui indagar: qual seria o lugar do negro nestes nichos? E ainda, quais as condições e oportunidades de qualificação deste trabalhador? Muitas questões permeiam este artigo e não nos cabe aqui, esgotar este estudo. Para ajudar a analisar estas questões temos uma grande obra da historiadora Liane Susan Müller, “As contas do meu rosário são balas de artilharia” (2013), nos dando algumas pistas sobre as confrarias neste período, como forma de agregar, instruir e conseqüentemente resistir daquilo que os impedia a ascender socialmente. Liane (2013) destaca que estas confrarias eram grupos organizados, por uma espécie de elite intelectual e econômica, criando associações e clubes formados por negros em Porto Alegre, tendo a sua pioneira a Floresta Aurora em 1872. O livro de Liane vai ao encontro destes pressupostos, ou seja, a autora busca “desvendar a forma pela qual o grupo se constituiu, e em que medida esta elite intelectual colaborou para o processo de ascensão social do negro no Brasil, em especial em Porto Alegre” Ainda, como forma de esclarecimento, Liane comenta que:

Pelo simples fato de ingressar nessa instituição, o negro participante do Rosário adquiriu uma outra condição social, fruto do prestígio que já nascera com a irmandade. [...] nem todos tiveram condições, ou interesse de tornarem-se Irmãos do Rosário, mas os que o fizeram, nesse momento, destacaram-se dos demais. (MÜLLER, 2013, p.31)

A partir desta análise podemos aferir que os afrodescendentes que conseguiram alguma posição social em Porto Alegre, nessa época, eram oriundos de alguma associação e que estes momentos estavam gravados nas memórias e na imaginação do Sr Jayme, tendo como seu maior expoente e espelho seu avô Abel, que lhe contava muitas histórias nas madrugadas, quando chegava do seu trabalho, no jornal Correio do Povo, e as ilustrava com a figura enigmática, seu amigo Lobisomem:

Eu esperava sua chegada em casa, pela madrugada⁹. Ele sempre trazia balas e continuava a história de um lobisomem (espécie de bicho-cão ou outro animal) Dizia que era muito esperto e inteligente e conhecia toda a nossa cidade. Meu avô falava que ele residia naquela época, nas proximidades da estrada do Caminho do Meio *atual Av Protásio Alves* (grifo meu).

Esta estrada levava a Viamão, passando pelo Morro Santana, por isto meu avô, deu-lhe o apelido de “Lobisomem do Morro Santana e seus amores” (SILVA, 2005, p.17)

⁹ Seu avô trabalhava no Correio do Povo das 16h às 3h do dia seguinte, e seu Jayme o esperava acordado para ouvir as suas histórias.

Sr Jayme consegue condensar três vivências nessa narrativa: a sua, de seu avô e a do lobisomem. Para tanto, ele procura perenizá-las, citando outros personagens “ele interroga outros velhos, compulsava seus velhos papéis, suas antigas cartas e, principalmente conta aquilo de que lembra quando não cuida de fixá-los por escrito” (1956 apud HALBWACHS, 1994, p. 60).

Em suas memórias está novamente à história do Lobisomem, nas suas andanças pela Capital gaúcha, agora como um homem galanteador, visitando as suas diversas namoradas, este “Don Joan”, nos cede “carona” nas suas andanças mostrando um pouco dos diversos lugares de Porto Alegre e no seu entorno:

[...] Na trajetória o lobisomem tinha que sair de sua casa, todas as quintas-feiras, pela noite, para cumprir sua sina. Ele era casado! Estas coisas, ele nunca relatou a ninguém, inclusive a sua esposa. Meu avô era seu amigo, o Lobisomem contava-lhe algumas coisas que se passaram com ele. Ele tinha namoradas por todos os Bairros desta Porto Alegre, que ia da Colônia Africana, hoje Bairro Rio Branco, pelo Caminho do Meio até Viamão, Passo do Feijó (hoje a cidade de Alvorada, Navegantes, Independência, Centro e Menino Deus. Ele dava a entender a meu avô, que em suas saídas, às quintas-feiras, visitava suas namoradas e dizia que gostava muito de crianças e que, volta e meio era convidado para padrinho. Tinha afilhados por toda cidade e sempre os auxiliava. Meu avô estava desconfiado com tantos afilhados! Eram mais de vinte e sempre mencionava alguns nomes: Por que Abel? Tenho que visitar a Rosa em Viamão, a Margarida na Alvorada, a Setembrina no Gravataí, a Frida no Moinhos de Vento e no Menino Deus a Almerinda. (SILVA, p. 18)

Mais uma vez os silêncios estão contidos na narrativa deste personagem ele torna as informações ambíguas, e nesse caso especificamente, escrever torna-se “uma relação particular com o silêncio” Orlandi, (2010), percebemos este silêncio, completo de sentidos, na citação acima quando o Sr Jayme fala: “Ele era casado! Estas coisas, ele nunca relatou a ninguém, inclusive a sua esposa” (Silva, p.18). Assim, o cotidiano do seu Jayme se descortina com a sua biografia, contando não somente a sua história, mas também de outros personagens, inclusive seu avô que conseguiu um patamar hierárquico social respeitável. Podemos perceber um pouco da sua trajetória em entrevista concedida ao jornal correio do povo em 1932. Reportagem que também se encontra no livro de Sr Jayme. Sobre sua trajetória ele, Sr Abel de Souza, relata:

[...] Em junho de 1878 entrei para a typographia do “Jornal do Commercio, de propriedade do Sr Manoel Antônio da Silva, situado a rua dos Andradas junto a casa onde hoje é (*ilegível*), junto a casa, onde hoje se encontra o Restaurante Ghlossos, local onde está o edificado o Grande Hotel. [...] Depois de três meses de aprendizagem, já compondo mais de cento e vinte linhas por dia, principiei a ganhar um mil réis por semana. [...] O Jornal do Commercio mudou suas oficinas para a praça da alfândega, local aonde está o edifício Wilson, continuando a impressão da folha e outros serviços

concernentes a typographia. [...] Nessa época passei a ganhar quatro mil réis por semana. Um dinheirão! Já meio oficial, como se dizia naquele tempo, fui trabalhar nas oficinas do Mercantil, de propriedade do Sr João Cancio Gomes, situada a rua da Ladeira. [...] Tendo sido fundada a Gazeta de Porto Alegre [...] ingressei nesse jornal que era feito nas oficinas do “Deutsche Zeitung”, a rua General Câmara. [...] Em 1884 voltei para a typographia da Deutschen Zeitung, para trabalhar para o novo jornal de propaganda republicana, sob a direção do Dr Julio de Castilhos, A Federação. [...] Deixando A Federação, depois de mais de dois annos, voltei para Deutschen Zeitung [...] ahi tomei conta da confecção do semanário ilustrado, “O Século”. [...] Tendo cessado a publicação de “O Século” fui para as officinas do jornal do Commercio [...] onde se trabalhava toda noite a vela de cebo. Eu e mais dois colegas compúnhamos a “A Pátria” jornal semanário de grande formato. [...] deixando o jornal do Commercio passei para “O Conservador”, organ do partido conservador [...] ahi tomei por conta própria, a composição do seminário “Folha da Tarde”. [...] Em 1890 ingressei na livraria Americana, onde editava “A Reforma”[...] (SILVA, 2006, p.75-80)

Enfim, como se pode perceber, a carreira deste homem foi substancial, passando por vários jornais de diversas linhas de pensamentos, tanto conservadoras quanto liberais, neste meio ele tornava-se um homem incomum perante os outros da sua região. Por isso explica-se a sua posição e também as suas influências. Quem seria seu amigo, o Lobisomem do Morro Santana? Alguém importante? Alguma pessoa pública nas suas relações de trabalho? Questões que não cabem aqui análise, apenas puras divagações. Pelo menos neste trabalho.

Outro nome emblemático na cidade de Porto Alegre foi o Sr Veridiano Farias, nascido em 1906, na cidade de Rio Grande mudando-se para Porto Alegre se estabeleceu na Colônia Africana, especificamente na Rua Vasco da Gama. Começou a estudar música e posteriormente começou a tocar em orquestras. Foi professor de música, trabalhou como condutor de bondes da Companhia Carris Porto-Alegrense e cursou Magistério. Mais tarde, após diversas tentativas, cursou a Faculdade de Ciência Médica do Rio de Janeiro, tornando-se médico em 1951 exercendo ofício no Hospital de Itapuã¹⁰. O excepcional caso de Veridiano Farias demonstra outro lado produtivo e intelectual da Colônia Africana.

Casos como citados acima, ficavam na obscuridade e aqueles afrodescendentes que ascendiam socialmente ficavam no anonimato, a imagem que era projetada da Colônia Africana e dos seus moradores era encoberta e estereotipada por uma parte da imprensa da época¹¹. Tais atitudes chamam a atenção pelo aspecto racista, embora seja menos simplista e mais comprometido com a visão histórica tentarmos compreender a mentalidade intelectual entre os

¹⁰ Ver mais em: Da música à Medicina: A odisseia da formatura do segundo médico gaúcho negro. Éder Luís Farias

¹¹ A imprensa jornalística sempre depreciou os territórios negros de todo o Brasil, e antes destes territórios os próprios escravos. Os motivos que serão detalhados no corpo deste trabalho, estamos falando neste momento do início século XX

anos de 1830 a 1970, momento em que pairavam pela Europa e América, principalmente América do Norte as teorias sobre os “tipos” humanos.

É importante lembrar algumas questões pertinentes e relevantes que norteiam o estudo em questão que é mostrar as dificuldades e os entraves para ascensão social desta comunidade, que a pouco mais três décadas havia se libertado da escravidão. E ainda, compreender como se dava a relação destes moradores afrodescendentes, em relação a população Porto-Alegrense, junto a alguns meios de comunicação numa cidade prestes a se modernizar.

Para responder a estas questões, ainda que breve, se faz necessário uma sucinta análise no conjunto de ideias da intelectualidade em finais do século XVIII, a maioria em busca da “verdade” pura. Neste século, um conjunto de intelectuais europeus buscou na ciência a “verdade” pura, uma ideia rebuscada da Revolução Francesa que contemplava na ciência aquilo que até então era exclusivamente da igreja católica, a verdade. O cientista está no topo da sociedade construindo inúmeras teorias, entre elas o cientificismo, o evolucionismo, o darwinismo social e o racismo. Michael Banton, na sua obra clássica “A ideia de raça¹²” (1997), nos ensina sobre essas questões, pois, o autor reúne diversos intelectuais e teoriza, juntos a eles, o conceito de raça, suas implicações, significado e como esse aspecto agia biologicamente em diferentes povos:

“No século XIX, o termo ‘raça’ veio a significar uma qualidade física inerente. Os outros povos passavam a ser vistos como biologicamente diferentes. Embora a definição continuasse incerta, as pessoas começaram a pensar que a humanidade estava dividida em raças. [...] Havia um processo social, que poderia ser denominado racialização, pelo qual se desenvolveu um modo de categorização, aplicado com hesitação nos trabalhos históricos europeus, e depois, mais confiadamente, às populações do mundo.” (BANTON, 1977, p. 30)

Embebido dessa “onda” Porto Alegre do século XX era contemplada por jornais que adotavam tais ideias. Embora não explicitadas, estereotipavam comunidades afrodescendentes que se encontravam estabelecidas em pontos estratégicos da cidade, ou seja, próximos ao centro da Capital. Estes jornais eram: A Gazeta, Gazetinha, o Jornal do Comércio e o Correio do Povo. Essas eram as “vozes” de uma parte da população, na sua maioria de situação econômica elevada e branca, que via estes territórios com grande potencial imobiliário, ou também pela sua proximidade com o centro e seu porto, onde acontecia a maioria das transações comerciais e

¹² Este livro explora o contexto intelectual em que surgia a velha concepção de relações raciais, e prossegue discutindo as principais lições nas mudanças de atitude a respeito destas matérias. Estuda também as relações raciais como um campo geral de conhecimentos que tenta juntar num mesmo quadro estudo de relações grupais. (BANTON, p. 12)

prestações de serviço. Estes veículos de informação foram escolhidos para análise pelo destaque que apresentam nas suas falas, embora “mascaradas” em forma de melhorias para a população, tinham como objetivo higienizar os territórios negros¹³. Estes lugares onde os afrodescendentes se estabeleceram, eram cobiçados, pois:

[...] a moradia vai ter um papel importante na compreensão dos territórios negros. Primeiramente por ser marcado por tensões e disputas sociais ao ser local sob força e interesses diversos (de especuladores imobiliários, da população residente, de medidas administrativas do poder público); e, em segundo lugar, por ser referência na constituição de redes de solidariedades da população negra residentes nestes espaços (aspecto que observamos na historiografia sobre a atuação social da população negra. (BOHRER, p. 148)

Exemplo disso, por volta de 1915, Ary Sanhudo Veiga, cronista, advogado e ex-vereador escreveu no Jornal a Gazetinha, que a referida região começou a melhorar seu ambiente no momento em que os judeus começaram a ocupar a região do Bairro Bom Fim, inclusive o branqueamento no nome do bairro aconteceu, segundo ele:

“[...] O lugar, como se pode ainda verificar, era simplesmente primitivo, [...] a Colônia Africana, só começou a ser chamado de bairro Rio Branco, ultimamente, com a laboriosa coletividade israelita em seu território. Hoje conta até com sinagogas! É claro que tomou este último nome em homenagem ao Barão, o grande chanceler da República, falecido em fevereiro de 1912. A região agora apresenta bom aspecto. [...] Atualmente é um bairro moderno e urbanizado, mas ainda até bem pouco tempo era um lugar perigoso e infestado de desordeiros. (SANHUDO, 1915 p.114)

Ainda que a citação acima mostre como o Sr Sanhudo se referia à Colônia Africana, com seus adjetivos depreciativos tais como, “a presença negra transformava a região num ambiente primitivo e marginalizado”, ou seja, seu olhar era de quem só vê o que quer enxergar, ou seja, o lado negativo da localidade.

Partimos do princípio de que não devemos mostrar somente a história triste de escravidão, preconceito e maus tratos que o negro sofreu, durante o período colonial e imperial, mas não podemos macular ou escamotear estes acontecimentos. Ora, é importante mostrar os

¹³ Sobre os territórios negros ver mais no artigo de Boher, citado neste trabalho, (1995 apud PESAVENTO, 2011, p.127) ele esclarece que a “Colônia Africana, a Cidade Baixa, o Areal da Baronesa e a Ilhota como territórios marcadamente de composição negra *territórios negros* (grifo meu) no período final do regime escravista e pós-abolição, formando um ‘cinturão negro’ ao redor da região central, espaço privilegiado da vida administrativa, econômica e cultural das elites dirigentes. Em contraponto a estes territórios negros, havia outras regiões onde habitavam segmentos abastados voltados para a implantação da modernização urbana, o que gerou uma divisão espacial marcada pela diferenciação social.

negros que acenderam socialmente, como o Sr Abel de Souza ou o Sr Veridiano Farias, ou outros desconhecidos seja em suas festas, sua cultura tão rica e tão plural ou em aspectos intelectuais praticados por eles, pelos nomes citados anteriormente. O contrário disso seria abrandar ou deixar esquecer as agruras de um passado de escravidão, tão próximo, que mesmo após seu término ainda sintam seus efeitos hoje. De outro modo, estaremos cada vez mais relativizando a escravidão e as lutas atuais pelos direitos dos afrodescendentes. Os judeus não estão todo momento nos lembrando do Holocausto? Por que deveríamos esquecer essa mancha em nossa história chamada escravidão? Frantz Fanon nos alerta que (Jeanson, apud, Fanon, 2008, p. 89) e chama para nós a responsabilidade, pois, “todo aquele que pertence a uma nação é responsável pelos atos perpetrados em nome dela”.

As memórias do Sr Jayme, impressas em seu livro, nos levam a uma Porto Alegre do século XX em vias de modernização, com seus bairros já delineados, mas pouco se fala sobre as dificuldades de sua comunidade em ascender socialmente. Parece até existir outra história paralela. Uma análise mais profunda mostra outros atores que ascenderam socialmente com alguns desafios pela frente, como no caso do Sr Veridiano Farias que após algumas tentativas em ingressar na Faculdade de Medicina no Rio Grande do Sul conseguiu êxito somente no Rio de Janeiro.

Por fim, apontamos a mentalidade intelectual entre os anos de 1830 e 1970, que muito influenciou a intelectualidade brasileira e órgãos governamentais. Apontou-se que a imprensa agregou em suas falas conceitos depreciativos e ideias errôneas com o objetivo de higienizar os territórios negros de Porto Alegre traduzindo-se numa ótica excludente, apontada pela imprensa gaúcha direcionada para a população afrodescendente.

Neste artigo, o nosso trabalho como historiador se justifica pela análise de uma biografia de um ex-morador da Colônia Africana, como uma fonte de pesquisa, e não como ponto central deste artigo. Vale lembrar que isso foi ao encontro de mostrar, analisar e compreender a história e as suas relações por entre os meandros dos relatos, narrativas, iconografia ou historiografia, sem relativizar nem abrandar o processo histórico dos afrodescendentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acreditamos que o presente artigo cumpriu seu objetivo respondendo a problemática proposta pelo autor. Dessa forma, chegamos às seguintes conclusões quanto Colônia Africana, esta que fazia parte de um dos territórios negros de Porto Alegre / RS, em finais do século XIX e início do XX , tendo na sua população majoritariamente descendentes de escravos e que após a escravidão, começaram a habitar diversas etnias, tais como: italianos, poloneses, judeus, alemães e espanhóis, incentivados pelo governo imperial para que fossem trabalhar no lugar dos afrodescendentes.

A análise micro analítica serviu de base para que o autor pudesse cotejar e esmiuçar as diversas fontes utilizadas, sendo uma dessas o livro de um ex-morador da referida região, o Sr Jayme Moreira da Silva. Em suas narrativas não buscamos a veracidade dos fatos, pois esse não é o objetivo deste autor, mas sim, os sentidos contidos nos silêncios cheios de significados. Observamos em sua biografia seu cotidiano inserido na Colônia Africana. Nesse sentido identificamos a cidade, que viveu durante 98 anos, prestes a se modernizar. A análise neste momento ganha fôlego quando nos debruçamos sobre a problemática central deste artigo, tentando entender qual seria o lugar dos afrodescendentes nesta Cidade, que oportunidades teriam e em quais condições? Talvez o ponto de destaque deste trabalho tenha sido ao mencionarmos a ascensão social de seu Avô, Abel de Souza homem culto, influente na sociedade porto-alegrense e tipógrafo de vários jornais da Cidade e Veridiano Farias, professor de música e médico, sendo ele o segundo médico gaúcho da época.

Para que pensássemos a respeito dos motivos dos entraves da ascensão do negro aos lugares de poder desta cidade recorreremos, ainda que brevemente, ao um estudo sobre a mentalidade intelectual, entre os anos de 1830 e 1970, que influenciou muitos intelectuais brasileiros e o governo do Brasil. Ainda neste ponto, destacamos o papel da imprensa, em especial do cronista Ary Veiga Sanhudo, do jornal a Gazetinha, que em seus escritos depreciativos denegria a região e seus moradores, objetivando higienizar estes territórios negros de Porto Alegre. Agregava valor negativo a estes, preparando estes territórios para exclusão de seus habitantes, fato que aconteceria nos anos 1960 com o projeto “Remover para Promover”. Nesse projeto, os territórios negros de Porto Alegre seriam desocupados e suas populações foram para a Restinga, um bairro em construção com péssimas condições dignas de existência.

A historiadora Liane Susan Müller, nos ajuda a compreender os afrodescendentes que ascenderam socialmente em Porto Alegre. Estes na sua maioria, faziam parte de determinadas

confrarias, sendo elas associações, clubes e irmandades religiosas reunindo a elite intelectual afrodescendente e economicamente ativa.

Por fim, a história da Colônia Africana, com seus blocos de carnaval, a sua religiosidade e seus bailes festivos permanece viva nas memórias de muitos ex-moradores da região que ainda não tivemos o privilégio de contatar, mas que ainda faremos, pois este trabalho está apenas no seu início. Fica aqui a nossa homenagem, especialmente ao Sr Jayme Moreira da Silva, falecido no dia 25 de janeiro de 2014, aos seus 98 anos de conhecimento, memória e fé pela vida. Este homem, que tive o privilégio de conhecer nos ensina que o homem só valoriza a sua própria história quando a conhece, portanto é preciso cultivá-la para as gerações futuras.

REREFÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSUMPÇÃO, Jorge Eusébio. **Pelotas: Escravidão e Charqueadas (1780 – 1888)**. Porto Alegre: FCM Editora, 2013. p. 279

BOHER, Felipe Rodrigues. **Breves Considerações Sobre os Territórios Negros Urbanos de Porto Alegre na Pós-abolição**. Iluminuras. Porto Alegre, v.12, n. 29,p.121-152, jul./dez.2011 – Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/iluminuras/article/view/25348>

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade lembrança de velhos**. Companhia das Letras. 3. ed. São Paulo, SP, 1994, p. 484

BANTON, Michael. **A ideia de raça**. Trad. Antônio Marques Bessa. Edições 70. Lisboa, 1979. p. 326

BAKOS, Margaret Marchiori. **Porto Alegre e seus eternos intendent**. EDIPUCRS. 2ª Edição. Porto Alegre/RS. 2013. p.220

BORGES, Vavy Pacheco. **O historiador e se personagem: algumas reflexões em torno da biografia**. Horizontes, Bragança Paulista, v.19. p. 01-10, jan/ dez, 2001 – Disponível em: <http://cat.inist.fr/?aModele=afficheN&cpsidt=13462819>

FANON, Frantz. **Pele negra máscaras brancas**. EDUFBA. Salvador, Bahia. 2008, p. 191

GAMALHO, Nola Patrícia. **A produção da periferia: das representações do espaço de representação no Bairro Restinga – Porto Alegre/RS**. Porto Alegre/RS. 2009. Disponível em meio digital no endereço <http://www.lume.ufrgs.br/10183/16658>

GUIMARÃES, Gleny Duro. **Aspectos da Teoria do Cotidiano: Agnes Heller em perspectiva**. Porto Alegre: EDUPUCRS. 2002, 147 p.

KERSTING, Eduardo Henrique de Oliveira. **Negros e a Modernidade Urbana em Porto Alegre: Colônia Africana (1890-1920)**. Porto Alegre: PUCRS. 1998. 220 p.

MATHIAS, Marcello Duarte. **Autobiografias e diários/** Marcello Duarte Mathias. In: **Revista Colóquio/Letras**. Ensaio, n.º 143/144, Jan. 1997, p. 41-62.

MATTOS, Jane Rocha de. **Que arraial que nada, aquilo lá é um areal o areal da Baronesa: imaginário e História (1879-1921)**. Porto Alegre. 2000. 152 p.

MIGNOT, Ana Cristina Venâncio. BASTOS, Maria Helena Câmara. CUNHA, Maria Teresa Santos. **Refúgios do Eu: educação história e escrita autobiográfica**. Ed. Mulheres. Florianópolis. 2000. 240 p.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas de silêncio: no movimento dos sentidos**. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 6ªEd. 2010. p. 181

PESAVENTO, Sandra. Jatahy. Uma Outra Cidade: o mundo dos excluídos no final do século XIX. SP: Companhia Ed Nacional, 2001. 256 p.

PORTELLI, Alessandro. **O que faz a história oral diferente**. São Paulo, 1997, p. 15– Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/11233/8240>

PORTELLI, Alessandro. **A Filosofia e os Fatos: Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais**, Rio de Janeiro, vol., 1, n.º. 2 1996, p. 59-72 – Disponível em: https://grupos.moodle.ufsc.br/pluginfile.php/156924/mod_resource/content/3/PORTELLI%20-A%20filosofia%20e%20os%20fatos.pdf

ROSA, Marcus Vinicius de Freitas. **Colônia Africana, arrabalde proletário: o cotidiano de negros e brancos, brasileiros e imigrantes num bairro de Porto Alegre durante as primeiras décadas de século XX**, Disponível em: <http://www.escravidaoeliberdade.com.br/site/images/Textos5/rosa%20marcus%20vinicius%20de%20freitas.pdf>

SANHUDO, Ary Veiga. Porto Alegre: Crônicas da minha cidade. Ed Movimento, 1915. 286 p.

SANTOS, Irene, SILVA da Cidinha, FIALHO, Dorvalina Elvira P. , BARCELLOS, Vera Daisy, BETTIOL, Zoravia. Colonos e Quilambolas: Memória fotográfica das colônias africanas de Porto Alegre. Porto Alegre RS: Nova Letra Grafica, 2010. 124 p.

SILVA, Jaime Moreira. **Colônia Africana: Lobisomem do Morro Santana, Morro da Piedade**. Porto Alegre: Edição independente. 2005. 81 p.

SOUSA, Celia Ferraz de, MULLER Dóris Maria. Porto Alegre e sua evolução urbana. 2 ed. Porto Alegre: Ed d UFRGS, 2007. 123 p.

ZANETTI, Valéria. **Calabouço Urbano: escravos e libertos em Porto Alegre (1840 – 1860)**. Passo Fundo/RS: UPF Editora. 2002. p. 236

ARTIGO ENVIADO EM: 26/12/2013
ACEITO PARA PUBLICAÇÃO EM: 20/04/2014